

Mesa Posta Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava o Carnaval, as pessoas punham a mesa. Em cada casa enchia-se uma com comida e bebida, e durante dias, por vezes a semana inteira, a porta aberta recebia os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando amigos e familiares, encontrando outras pessoas, sempre em volta da mesa posta, de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas acompanhavam as danças, as conversas, os reencontros e os caminhos. Era a altura de dar tempo para visitar e descontrair, com o inverno no fim a primavera abria porta. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, vamos procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.

CINE Escouralense

mesa
posta

11





Viver a Cidade

Virgínia Fróis

Fazer nossa a Cidade Viver será deslizar no tempo, nas referências que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações.

No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias.

Sentir o irregular das pedras que os nossos pés taceiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas.

Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um trânsito do visível para o invisível? O filósofo José Gil, falava a propósito do Livro do desassossego de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós.

Uma emoção breve, um pulo para o virtual.

Por um momento breve o passado e o futuro agora.

*Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? **

(*) A partir da frase final O artista pensa com visões. José Gil Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, 03/2014

Cine Escouralense

ESCOURAL

Terça-feira de Carnaval, 2 de Março de 1954

ÀS 21 HORAS

Grande espectáculo neste cinema, com o emocionante drama

VINCHESTER 73



Uma rapariga perde o homem com quem quer casar, mas encontra um amor verdadeiro!

A mais brutal antigamente de homens de todas as eras, lutando por uma arma que vale um tesouro!

Grande interpretação de

James Stewart, Shelley Winters e Dan Daryea

A história de uma rapariga que foi levada ao Oeste!

VÁRIOS ESPECTÁCULOS COMPLETAM O PROGRAMA

Os preços dos ingressos são muito baixos, para todos os gostos e bolsos.

O Cine Escouralense foi espaço de exibição de filmes, de espetáculos de variedades, de bailes, de casamentos, de festas da escola foi local de entretenimento, de convívio e de namoro, namorava-se muito no cinema nem que fossem só trocas de olhares. A trajetória e a memória deste espaço, situado na vila de Santiago do Escoural, são trazidas pelas gentes que o viveram.

Embora não reconhecido desta maneira pelos habitantes da vila, é símbolo arquitetónico e cultural dos anos 40 do século XX pelo que o edifício representa de vanguardismo para a época - vale a pena destacar que este cinema não só marca um estilo de construção como foi construído só para ser cinema.

Nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX, o cinema mostrou o seu apogeu, sendo concorrente de outros cinemas como o Rádio Cine, em Montemor-o-Novo. Na sua tela passariam filmes nacionais e estrangeiros.

Na década de 80, o prestígio do cinema foi-se apagando até ser completamente desativado; desse tempo resta o edifício, onde figuras ilustres do mundo do cinema e do teatro fizeram sucesso. Hoje, o seu nome continua cravado no betão, sem possibilidade de esquecimento.

As lembranças dos tempos do cinema persistem na voz e no olhar dos que o percebem como "lieux de mémoire", como um espaço onde se solidifica a memória individual e coletiva, como um ponto de encontro e de convívio.

Hoje, fica a esperança de poder reviver este espaço; hoje, fica a dúvida em relação ao seu futuro.



Manuel Ferro

64 ANOS

HISTÓRIA DO EDIFÍCIO, DA SUA CONSTRUÇÃO E ESTILO

“Em 1997, na cadeira de História e Estética do Cinema, fiz um trabalho sobre o cinema do Escoural. A data certa da construção não foi possível apurar, apenas se sabe que foi por volta da década de 40 do século XX. Mas, foi um projeto bastante arrojado e inovador para a época porque por um lado arriscou-se esta construção quando se atravessava uma década de dificuldades, a década do pós-guerra, em que as condições económicas não seriam as mais favoráveis para se pagar para ir ao cinema – havia por certo o fator novidade que serviria de atração, pois não havia muitas formas de entretenimento – por outro lado temos a arquitetura do edifício em si, que obedece a uma linha estética muito curiosa.

O Cine-Escouralense obedece a uma estética do mais puro Bauhaus, um estilo que aparece na Europa dos anos 20, mas que é nos anos 30 que vai ter grande projeção e que se destaca por formas simples e geométricas, formas e linhas simplificadas, criando um estilo mais clean. Todo o edifício está muito bem pensado com as proporções ideais, com integração de ambientes – temos um espaço exterior também usado para projeções, com a existência

de um bar para criar zonas de convivência – enfim é toda uma unidade estilística e arquitetónica. É um edifício bastante bem concebido e de facto é pena ter tido tão pouca utilização.

O cinema foi o maravilhoso mundo novo que chegou à ruralidade, foi um projeto que foi sonhado, que pretendia trazer uma dinâmica cultural à terra, foi uma aposta no futuro, que acabou por não ter qualquer projeção e afundar-se, pois a partir dos anos 50 a população começa a migrar daqui para fugir dos trabalhos pesados no campo.

Os proprietários constituíam aquela trindade: um era lavrador abastado, aventureiro e detentor da terra onde foi construído o cinema, Manuel Joaquim Mira, mais conhecido por Manuel da Ribeira; o outro era farmacêutico, António Justo Leão, e finalmente Joaquim dos Santos Ramalho. A sociedade acabou por se desfazer, terá durado cerca de 4 anos, porque depressa se percebeu que o cinema não teria a dinâmica cultural sonhada nem seria um bom investimento. No caso do cinema do Escoural pensou-se grande, construiu-se bem mas depois o resultado não foi correspondia às expectativas.”

Espectáculo sem classificação especial — Para indivíduos com mais de 13 anos

Cine Escouralense

DOMINGO

ESCOURAL

23 de MAIO de 1954

AS 22 HORAS

Uma das melhores películas portuguesas!

Ô Leão da Estrela



A melhor comédia popular saída dos nossos estúdios! Este filme é o grande sucesso de que todos falam... é a película que satisfaz o mais exigente! Grande interpretação de

António Silva, Erico Braga, Milú, Maria Eugénia Rosado, Laura Alves, Cremilda de Oliveira, Curado Ribeiro e Artur Agostinho

Se o espectáculo tiver de ser suspenso por qualquer motivo imprevisto, não será restituída a importância dos bilhetes

Tip. União — Montevideo-o-Novo — Exemp. 100-21-5-1954

SOBRE A VIVÊNCIA NO CINEMA

António Maria Jorge

81 ANOS

"Era eu gaiato e lembro-me de andarem a fazer aqui o cinema! Havia aí esse pedaço de terra que era do Manuel da Ribeira, era assim que era conhecido. Depois o cinema foi vendido ao Barbosa, era lavrador, o cinema não era lá da arte dele, mas tinha dinheiro e comprou-o. Parece que estou a ver o velho na sua gabardine a vir abrir as portas do cinema ao fim de semana para passar os filmes.

Deveria ter para aí uns 16 anos quando fui pela primeira vez ao cinema. Já fazia uns biscates em madeira e era assim que arranjava dinheiro para a minhas diversões. Naquela altura quaisquer 25 tostões já era muito dinheiro. Na bilheteira do cinema, lembro-me de ver o sr. Jacó Burrisco que era sapateiro.

O cinema era anunciado ao altifalante e havia filmes portugueses e não só. Eu gostava muito do Vasco Santana; ele era muito engraçado e nem precisava de falar só os seus gestos e a sua postura me faziam rir! E o António Silva também!! Eu gostava mesmo era de comédias! Ríamos que nos fartávamos! Eram bons momentos passados entre amigos!

Quando o cinema já começava a "passar à história" o cinema começou a ser emprestado para casamentos e festas. Lembro-me bem da Festa da Rádio e as Estrelas de Portugal, que era um festival de música. Nas Estrelas de Portugal alguns de nós subimos ao palco: eu toquei gaita, toquei "O Gafanhoto". Até deram uns prémios à gente!!"

Francisca Geraldo

81 ANOS

"Lembro-me perfeitamente da primeira vez que fui ao cinema. Era bem novinha. Não sei precisar a idade...Tinha aí os meus cinco, seis anos! Fui com o meu padrinho, António Bugio, era o Tenica, era assim que o chamava. Era ourives. Ele levava-me para todo o lado, levava-me ao cinema, eu gostava muito dele e da sua companhia!! Era sempre um divertimento! Entrava à socapa, debaixo do capote. Depois mais tarde, já mais velha, ia com as minhas amigas com a Baléu, a Maria Itelvina, a Maria Helena. Lembro-me de um filme em que entrava a Amália parece-me que era "Capas Negras"! A "Aldeia da Roupa Branca" - "ai rio não estejas triste, ai que o sabão não mata!" Comprávamos a meias, eu com as minhas amigas, as revistas onde apareciam os artistas e os filmes. Copiávamos os modelitos e os cortes de cabelo das artistas!"



Maria Emília Risso

62 ANOS

"O que me lembro mais do cinema era o "Charlot". Era uma risota!! As idas ao cinema também serviam para namorar, bastava uma troca de olhares. Nunca estávamos sozinhas. Tínhamos de levar sempre alguém. Muitas vezes enganávamos as senhoras que nos acompanhavam e fingíamos ir à casa de banho para nos encontrarmos com o namorado no quintalão, que também era usado no tempo quente para projetar filmes.

Tenho mais presente o funcionamento do salão depois do 25 de Abril voltou a haver cinema e teatro no salão depois de ter estado alguns anos fechado a servir de celeiro. Primeiro acontecia todos os fins de semana, depois passou a acontecer de quinze em quinze dias até deixar de haver."

Guilhermina Grenha

64 ANOS

"Era miúda, tinha para aí uns 11 anos, quando fui pela primeira vez ao cinema - era o cinema ambulante. No salão, já foi mais tarde, já estava casada e tinha a Margarida, já depois do 25 de Abril. Todos os fins de semana havia cinema, ao sábado à noite. Eu gostava e gosto de cinema. Os jovens, havia muitos jovens, iam ao cinema para

namorar. Tive tanta pena quando deixou de haver!! Vi tantos filmes que o meu marido projetou! Cheguei a ir à sala da máquina para ver como tudo funcionava. Ao lado da sala da máquina de projeção há uma outra sala com uma máquina para rebobinar manualmente o filme. Ah como gostava de voltar a ter aqui um cinema!"

ANTIGO PROJECCIONISTA

Francisco Romero

66 ANOS

"Comecei a projetar filmes no final da década de 70 princípios de 80, tinha para aí uns 25-26 anos, mas foi durante pouco tempo, pois o salão acabou por voltar a ser entregue ao proprietário com o fim das ocupações durante a Reforma Agrária. Depois de se entregar a a chave nunca mais aconteceu nada no salão.

No dia da projeção, lançava música através de um gravador e anunciava o filme, os artistas, a hora do filme. E ouvia-se em toda a vila através do altifalante que ainda hoje lá está! Quem não gostava muito disto era a filha do Sr. Barbosa, a Gina, que morava mesmo ao lado do cinema e nem o Sr. Joaquim Gonçalves, o Barbosa como era conhecido, que durante muito tempo esteve sem me falar. Depois mais tarde, a vida aproximou-nos por motivos profissionais.





A grande preocupação do Sr. Barbosa era a máquina! Descansei-o, dizendo: Trato da máquina como se fosse minha, todas as verificações que sejam necessárias estão a meu cuidado! Ele ficou descansado, ele ficou contente com isso!

A preparação para o filme era complicada!! Era assim: vinham as bobines com filmes, bobines de 35mm, acho! O filme vinha ao contrário e tinha de ser rebobinado manualmente. Esse processo demorava uma tarde inteira! Pois, horas!! Cada bobine era capaz de ter quatro mil metros de filme. Era um processo demorado. Estou-me a lembrar do Ben-Hur, que são mais de 3 horas de filme, imagina as horas que passei na preparação desta projeção! Às duas da tarde ia para o cinema para ter o filme pronto para se projetar à noite. Todas as semanas tinha esse compromisso.

Nos filmes mais longos, havia intervalos. Havia intervalos e vários!! Quando se partia a fita havia um intervalo ainda maior! E isto aconteceu muitas vezes!! Remendava a fita, cortava um frame, lixava cada uma das pontas e colava com acetona. Era trabalhoso, sim!! Os espetadores assobiavam, mas eu dizia: quando mais assobiam, mais tempo leva!

O meu tempo era passado na sala da máquina. Ia horas antes da projeção e

depois do filme ainda ficava algum tempo para olear a máquina. E um pormenor muito importante ligado à máquina: as lâmpadas de projeção. De vez em quando as lâmpadas queimavam, tinha de parar a máquina, passar a fita para trás e tentar adivinhar o sítio certo para retomar o filme e não se perder o fio à meada!

O cinema era aquilo que havia na vila. Era um entretenimento! Era agradável ver o resultado do trabalho e do tempo investido. As pessoas gostavam e naquela noite a fita até nem se partiu!! Eu gosto de cinema e gostava do que fazia até o cinema fechar. O cinema acabou quando se entregou a chave do salão. O fim da história foi este. Fiquei triste quando acabou. Tenho saudades das dores nos braços! Era engraçado se voltássemos a ter cinema aqui na vila, acho que as pessoas iam aderir, mas sou suspeito porque gosto muito de cinema."

António Emerenciano Henrique

91 ANOS

"Gosto muito de cinema, ia aos filmes todos!! A primeira vez que fui ao cinema ainda não teria 20 anos e foi aqui, neste cinema. Eu vivia mesmo ao lado. O dinheiro não era muito, mas não faltava ao cinema. Oh, lembro-me de bons artistas Vasco Santana, António



Silva, Ribeirinho, Amália Rodrigues
Filmes portugueses, belos filmes! Ia a todos!! O Leão da Estrela, a Aldeia da Roupas Branca também ia ver os estrangeiros, mas esses eram mais difíceis, tínhamos de ler as legendas! Gosto sobretudo de comédias. De oito em oito dias a casa enchia-se. Todos os fins de semana havia cinema.

O cinema era um ponto de encontro: vinham gentes dos montes em redor.

Lembro-me bem de quem teve a ideia de construir o cinema! Conhecia-os bem! Era o Manuel da Ribeira, o António Leão e o Ramalho, que era taxista.

Depois do 25 de Abril, foram poucos os anos em que o cinema funcionou. Deixou de ser rentável.

Fazia-me falta o cinema, fiquei triste quando acabou. Na televisão não é igual!"

Umbelina Pisco

75 ANOS

"Lembro-me de ter lá visto um filme, que era as "Violetas Imperiais" – acho que era um filme espanhol. Devia ter para aí uns quinze anos, foi para aí há uns sessenta anos. Para mim era algo muito bonito com tanta cor, falo das cores do filme. Era um filme a cores, já não era a preto e branco."

OUTRAS UTILIDADES DO ESPAÇO

Francisca Geraldo

81 ANOS

"O cinema serviu para outros eventos. Casei em 1969, tinha 27 anos. O copo de água do meu casamento foi ali, no salão, durou dois ou três dias. A mesa do bolo de noiva era no topo do salão, junto à parede que servia de projeção. Era muita gente!! Parece-me que aqui do Escoural foi toda a gente! Todas as minhas amigas quiseram ficar debaixo do meu véu, olha lá! Esta era a mesa do bolo. Os gaiatos apinhavam-se!

Organizaram o salão e puseram mesas, puseram duas mesas ao comprido. Havia mesas de um lado e do outro do salão. Ficava um espaço ao meio para dançarmos. E havia sempre música. A nossa festa foi animada pela música da grafonola mas o Trio Falcão é que costumava animar as festas, mas do grupo só estava o António Maria.

Olha as cozinheiras!! Era a Vagarinho, a Joaquina Ataca e a outra era a Antónia Carvalheira. Cozinhou-se lá no espaço na zona onde era o bar."



Maria Emília Risso

62 ANOS

"Lembro-me de haver bailes no salão. O Baile da Rosa, o Baile da Vassoura, os bailes a toque de grafonola! Os bailes eram uma animação. Os bailes de grafonola eram sobretudo usados nas matinés. Muitas vezes, íamos sempre com alguém mais velho atrás. As raparigas novas não iam sozinhas!"

MEMBRO DO TRIO FALCÃO

António Maria Jorge

88 ANOS

"O Trio Falcão formou-se nos anos sessenta e andámos alguns 20 anos a

tocar por todo o lado, por esses palcos fora: Portel, Reguengos, Mourão, muita terra, muita terra... E tocávamos todos os tipos de músicas: o "raspa", "onde estás coração?" e tantas outras. Uma música bonita que dava para dançar. Eu tocava bateria e o António Falcão e o Almerindo Falcão, que eram irmãos, tocavam acordeão e saxofone. Também eu era tratado como Sr. Falcão apesar de não ser da família Falcão, mas não me importava nada. E assim ficou o nome do grupo Trio Falcão. Ninguém era músico profissional, cada um tinha a sua profissão. Agora, já não toco nenhum instrumento musical, acho que já não tenho muito tato para essas coisas."





PARA ALÉM DA MÚSICA E DA DANÇA
TAMBÉM SE VERSEJAVA MUITO...

António Maria

81 ANOS

O meu pai era especialista em décimas!
Lembro-me bem de o ouvir! Lembro-me apenas de alguns versos que dizem assim :

(António Maria disse este poema de cor)

*“Nove de abril, meu amor,
Que triste dia em que eu ditei
Minha adorada flor,
Pedaços da minha dor,
Fatalidades daninhas
Tu não sabes,
Não adivinhas,
Quanto eu sofro oh minha querida!
Que ao escrever-te estas linhas
Estou entre a morte e a vida
Olha, leva aos meus irmãos
Muitos beijos e carícias.
Diz que de mim tens notícias,
Que estou vivo e que estou bem,
Pois engana também
A minha pobre mãezinha
Inocente, coitadinha
que sente como tu sentes,
Mas diz que não és tu que mentes
porque as palavras são minhas.
Vai tocar tão venturosa
Às mãos do meu bem parar
Já que eu não lá posso ir
Vai tocar-te em meu lugar”*



+ Mesa Posta nº.11 +
Junho + 2023 + 1ª ed. + 200ex.
edição e recolha de conteúdos:
Oficinas do Convento + ed.gráfica:
Miguel Rocha + coordenação de
conteúdos: xx + Colaboração: xxx+ +
+ + +
Uma iniciativa
Oficinas do Convento
em co-produção com a CMMN
+ + + + +
Impressão e acabamento:
Oficina de Impressão - OC + CMMN
+
Oficinas do Convento- associação cultu-
ral de arte e comunicação Carreira de S.
Francisco+Convento de S. Francisco
7050-160 Montemor-o-Novo+****
oc@oficinasdoconvento.com +****+
+ www.oficinasdoconvento.com +
viveracidade.oficinasdoconvento.com